

1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín, 2019.

Os desafios das mulheres na educação profissional.

Jobim, Letícia Mossate. y Silva, Márcia Alves da.

Cita:

Jobim, Letícia Mossate. y Silva, Márcia Alves da. (2019). *Os desafios das mulheres na educação profissional. 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín.*

Dirección estable:

<https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1262>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRUe/A5f>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

OS DESAFIOS DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Letícia Mossate Jobim

Docente IFFAR- Câmpus São Vicente do Sul/ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil
leticia.jobim@iffarroupilha.edu.br

Márcia Alves da Silva

Docente Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil
profa.marciaalves@gmail.com

Resumo

Os estudos de gênero vêm ganhando cada vez mais espaço em nossa sociedade e adentrando diretamente no espaço educacional, onde por muito tempo, as mulheres foram excluídas e invisibilizadas. Apesar dos avanços obtidos e das inúmeras transformações ocorridas na educação, ainda encontramos a crença na inferiorização e incapacidade das mulheres para exercerem determinadas profissões. Por isso, a importância do espaço educacional ser investigado tanto como um território em que as relações desiguais de gênero são produzidas e reforçadas, como um espaço de fortalecimento de lutas e resistências. Este artigo busca problematizar os enfrentamentos vivenciados pelas primeiras alunas mulheres que ingressaram numa instituição de educação profissional, a partir de frases ditas para - e - sobre as alunas. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas individuais com servidores, servidoras e alunas do período em questão. Os resultados evidenciaram que o pensamento androcêntrico patriarcal ainda é predominante tanto no mundo acadêmico como na sociedade em geral e, embora as mulheres estejam presentes em grande número nos Institutos Federais, tanto como docentes ou como estudantes, ainda se mantêm pensamentos e valores patriarcais. Isso remete à necessidade de enfrentamento e superação das concepções tradicionais do feminino, que alimentam a divisão sexual do trabalho.

Palavras-chave: Gênero; patriarcado; divisão sexual; trabalho; educação



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Mulheres, educação e trabalho

No Brasil, a educação para homens e mulheres sempre foi diferenciada, devido aos papéis sociais impostos a ambos. A mulher tinha como função principal a reprodução, e ao homem, cabia a responsabilidade de sustento da família. Essa hierarquia familiar na qual o homem deveria ser o provedor, e a mulher submissa ao marido, dedicada aos filhos e aos afazeres domésticos, perdurou por muito tempo, reforçada pela religião e também pela ciência, pois ambas as áreas, estiveram por muito tempo sob o domínio masculino. Na religião, um exemplo é destacado por Saffioti, ao analisar o discurso à juventude feminina da Ação Católica, de 24 de abril de 1943:

Pio XII destina a mulher à maternidade; tudo que lher for permitido fazer além de ser mãe é secundário e conserva sempre o caráter de atividade complementar das atividades masculinas. É como mãe e como esposa que ela pode realizar-se na Terra, assim como somente como mãe ela salvará sua alma sobre o terrível pecado que pesa sobre seu destino (Saffioti, 2013, p. 151).

A inferiorização das mulheres também foi justificada pela ciência médica, psicanalítica e psiquiátrica, contribuindo para que o modelo patriarcal fosse fortalecendo-se e consolidando-se na sociedade. As diferenças biológicas entre homens e mulheres, tornaram as mulheres indissociáveis das funções maternas e por isso, não se via a necessidade de dar-lhes uma educação que fosse além do necessário para formar boas donas de casa e boas mães. Conforme Saffioti (2013), as únicas fontes de instrução feminina no Brasil colônia, eram as instituições religiosas, que apenas reforçavam a submissão das mulheres à igreja e ao marido. Somente com a vinda da corte portuguesa ao Brasil, surge então, a oportunidade de uma educação laica, através dos colégios particulares, mas, muito diferente daquilo que entende-se hoje: *“Tratava-se, na época de senhoras portuguesas e francesas, ensinando costura e bordado, religião e rudimento de aritmética e de língua nacional às moças que recebiam em suas casas como pensionistas”* (p. 271-272). Conforme a autora, a ideia de proporcionar instrução às mulheres para além dos trabalhos manuais e domésticos, surgiu somente na Constituição de 1823, mas, por suas tendências liberais, essa ideia foi sufocada. Somente em 1826, conforme anais do parlamento brasileiro, foi assinado um projeto de lei estabelecendo que:

Haverão [sic] escolas de primeiras letras, que se chamarão pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do Império. Serão nomeadas mestras de meninas e admitidas a exame [...] aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e de bordar. (Saffioti, 2013, p. 274)

Desta forma, o magistério foi a única profissão plenamente aceita para as mulheres, pois, a primeira educação das crianças era considerada um prolongamento das funções maternas e portanto, parte do papel social da mulher. Outro motivo que elas eram aceitas na profissão, era devido a segregação sexual existente nas escolas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

primárias, que eram norteadas pela moral católica e moral social, na qual o ensino das meninas ficaria a cargo também das mulheres. Qualquer setor cuja profissionalização das mulheres fosse em atividades tradicionalmente consideradas masculinas, era vista de forma negativa pela sociedade: *“quando do aparecimento das primeiras escolas normais, fundadas especificamente para formar profissionais para o ensino elementar, a sociedade reagiria negativamente ao recrutamento de mulheres, sendo as primeiras normalistas tidas mesmo como pessoas sem moral”* (Saffioti, 2013, p. 284). Estes preconceitos foram vivenciados por muito tempo pelas mulheres, e em maior grau, por aquelas que ousaram escolher profissões ‘impróprias’ e não condizentes com sua ‘natureza feminina’. Caminhos espinhosos foram percorridos por umas, para que outras, estejam hoje, ocupando espaços que até pouco tempo, não lhes eram permitidos. São esses caminhos espinhosos bem como as dificuldades enfrentadas por algumas mulheres na trajetória de suas escolhas profissionais, que problematizaremos neste artigo.

Caminhos metodológicos

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal Farroupilha- Câmpus São Vicente do Sul/RS/Brasil, cujo público, desde a sua criação no ano de 1954, era somente masculino. Na época de sua criação havia somente o curso de Técnico Agrícola. Em 1976, este curso passou a denominar-se Curso Técnico em Agropecuária, oferecido de forma subsequente ao ensino médio, cujo ingresso de meninas, ocorreu somente no ano de 1986. Buscamos pelas alunas da década de 1980, na secretaria de registros escolares da instituição, e estas foram então, convidadas a serem entrevistadas. Professores que acompanharam o ingresso das meninas, também foram entrevistados.

Nossa perspectiva teórico-metodológica se baseia nas narrativas biográficas, pois consideramos que, a partir delas, é possível uma aproximação e um resgate das trajetórias de vida dessas mulheres, trazendo à tona suas vivências relativas ao mundo do trabalho e de suas formações profissionais. Salientamos que não percebemos as trajetórias de vida de forma isolada, como se tratando de acontecimentos individuais e sim como forma de dar visibilidade aos contextos de vida coletivos, historicamente constituídos.

Processos de rupturas e resistências

Nas falas analisadas, evidenciamos que a chegada das meninas ocasionou uma desestabilização na rotina institucional e que, a ruptura da hegemonia masculina não ocorreu com tranquilidade. Sobre esse momento, um professor relatou o seguinte:

Tinha abertura para ingresso de alunas. Nunca houve interesse de alunas de vir estudar aqui. Como o ensino agrícola na época, era mais visto pelo lado do homem e não da mulher. Em 1986 ingressaram 4 alunas. Foi um pouco estranho né... porque 4 alunas em meio a mais de 150 alunos... O primeiro impacto foi um pouco ‘precioso’, depois se acostumaram... A partir daí houve uma mudança muito grande principalmente em relação ao respeito, ao palavreado, a



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

maneira de se portar e falar. Os diretores tiveram uma conversa com os alunos em relação ao respeito, postura diferente...

Neste relato, além das movimentações ocorridas na instituição, verificamos também as diferenças existentes na educação de meninas e meninos, pois comportamentos e posturas precisaram ser modificadas; aparece a divisão social do trabalho e seus princípios organizadores conforme definidos por Kergoat (2009, p.67): “*o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (o trabalho do homem vale mais do que o de uma mulher)*”. Essa divisão fica explícita, no momento em que o professor diz que ‘o ensino agrícola na época, era mais visto pelo lado do homem e não da mulher’. Sobre a referência do professor em relação ao desinteresse das meninas em fazer o curso, mesmo não havendo proibição, remete aquilo que Foucault (1986) define como a ‘eficácia do poder’, que através de sua maquinaria, faz funcionar regras que não precisam ser ditas, pois já foram reguladas e normatizadas culturalmente. Elas funcionam espontaneamente sem que haja qualquer tipo de enfrentamento.

Dentre os desafios vivenciados pelas meninas, destacamos o trecho da fala de uma ex aluna, que ingressou no ano de 1989. Nele, percebemos claramente a resistência familiar, dos colegas e também da comunidade em geral.

Minha família não me incentivou a vir, minha mãe me colocou a fazer o magistério e eu fugi [...] As meninas que ficavam nas pensões, os colegas ficavam falando: Ah, meninas morando sozinhas! Um horror! Até quando eu passei, meu pai que já trabalhava aqui, me perguntou se era realmente o que eu queria. Porque eram atividades mais voltadas pra meninos...E se realmente eu ia ter condições de encarar o preconceito na cidade. Porque as meninas que vinham para cá, ficavam mal faladas e ficavam com características masculinas. O pessoal da cidade, da família, falava pra gente: Ai que horror, vai dirigir trator, vão pra lavoura quebrar milho! isso é coisa de menino. Por que não fez magistério?

A fala mostra o quanto as funções desempenhadas pelas mulheres que não estejam ligadas a sua ‘natureza feminina’, estão carregadas por discursos sexistas, moralistas, machistas e preconceituosos e o quanto as mulheres ainda estão atreladas a sua natureza biológica. A sexualidade dificulta-lhes o acesso ao trabalho e a determinadas profissões e, de acordo com Lagarde (2005), impõe destinos aos sujeitos, pois está incorporada na sociedade e nas culturas, na organização das relações sociais, econômicas e políticas, sendo decisiva do lugar que homens e mulheres ocupam no mundo.

Considerações finais

Nossa experiência enquanto professoras tem nos mostrado que a instituição escolar tem reforçado os estereótipos tradicionais de gênero, portanto, mantendo as mulheres em situação de subalternidade nos espaços formativos e, na sequência, em sua inserção no mundo do trabalho.

No atual contexto histórico do Brasil, vivemos tempos de retrocesso político, onde a luta dos movimentos sociais – e feministas - tem sido de tentar, minimamente, manter-



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

se alguns direitos sociais que foram adquiridos na última década. No que se refere as mulheres, pautas ultra conservadoras que pensou-se já estarem superadas, vêm ganhando fôlego frente ao aumento de hegemonia de grupos conservadores em diversos âmbitos, tanto na política como em religiões fundamentalistas.

Quanto a educação formal, sabemos que a escola é um palco de disputas de pensamentos e paradigmas, tanto progressistas como conservadores e, nesse momento, é urgente elaborarmos ferramentas que possam apontar para estratégias de enfrentamento desse contexto, que leve em consideração as experiências das próprias mulheres.

Referências bibliográficas

Foucault, Michel. (1986) *Vigiar e Punir* (4a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes. 280 p.

Kergoat, Danièle.(2009) *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: Hirata, H; Laborie, F; Le Doaré e Senotir, D. (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP. 341p.

Lagarde, Marcela Y de Los Rios. (2005) *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas* (4a ed.) México: UNAM. 884p.

Saffioti, Heleieth. (2013) *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. (3a ed.) São Paulo: Expressão Popular. 528p.